

## Perdas, danos ou ganho? Sobre as intervenções no edifício do antigo Restaurante Universitário da UFBA

Juliana Cardoso Nery  
Faculdade de Arquitetura - UFBA  
jcnery19@yahoo.com.br

Susanna Carrozzo Cohim Moreira  
Faculdade de Arquitetura - UFBA  
su.carrozzo@gmail.com

Samir Santos da Conceição  
Faculdade de Arquitetura - UFBA  
samirsantos18.1@hotmail.com

Rafael Teles de Menezes Luz Corongiu  
Faculdade de Arquitetura - UFBA  
rafael.corongiu@gmail.com

**Resumo:** Esse artigo se propõe a refletir sobre os impactos das várias transformações que um edifício no transcurso do tempo sofre e quais os resultados e significados dessas intervenções. A trilha dessa investigação segue a saga do antigo Restaurante Universitário (RU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ele teve seu projeto literalmente construído pela metade, uma significativa intervenção ao ser transformado na Faculdade de Comunicação da UFBA (FACOM) e atualmente vem sendo ampliado a partir da construção da ala prevista e não executada da proposta original. Busca-se compreender o que restou dos princípios e soluções da arquitetura moderna e como ela interagiu às sucessivas intervenções para o reuso do edifício. Projetado e construído entre 1976 e 1980, o antigo RU possuía uma forma composta por um bloco retangular e um volume em balanço que se projeta a partir dele, dividindo-o em dois blocos. A obra mescla elementos metálicos na grelha que protege as esquadrias; alvenaria nas paredes e janelas em vidro e metal, além das estruturas em concreto aparente de grande valor estético para a identidade do edifício. O volume em balanço de dupla altura abriga as escadas e possui vedação externa em telhas de fibrocimento na vertical que funcionam como elementos de ventilação e proteção solar. As formas criam espaços de convívio e o volume possui grandes aberturas favorecendo ventilação e iluminação natural. O edifício segue a estética brutalista e o desenvolvimento em módulo integra-o ao conjunto dos edifícios que compõem o Campus Federação-Ondina da UFBA. Em 1999 o prédio passou a abrigar a FACOM e apesar do aspecto externo ter permanecido razoavelmente o mesmo, seu interior foi significativamente reformulado nessa primeira intervenção nos anos 2000. A última intervenção prestes a ser inaugurada mergulhou o edifício num paradoxo: ao mesmo tempo em que alterou por completo a solução assimétrica que caracterizava o edifício construído, deu à edificação a simetria do projeto original. Perdas, danos ou ganho?

**Palavras-chave:** intervenção; reuso; arquitetura universitária; arquitetura moderna na Bahia.

**Abstract:** This article aims to reflect on the impacts of the various transformations that a building in the course of time suffers and which the results and meanings of these interventions. The trail of this investigation follows the saga of the Federal University of Bahia's old University Restaurant (RU). He had his project literally built by half, a significant intervention to be transformed into the Communication's Faculty of UFBA (FACOM) and currently is being extended from the wing

*provided for construction and not executed the original proposal. Searches understand what's left of the principles and solutions of modern architecture and how it interacted at successive interventions for the reuse of the building. Designed and built between 1976 and 1980, the RU's shape possessed a form consisting of a rectangular block and a volume on balance that protrudes from it, dividing it in two blocks. The work merges the metallic element on the grill that protects the frames; masonry in the walls and windows in glass and metal, in addition to the concrete structures of great aesthetic value for the building's identity. The double height balance volume houses the stairs and has external sealing cement tiles vertically, which act as solar protection and ventilation elements. The shapes create spaces of conviviality and the volume has large gaps favoring natural ventilation and lighting. The building follows the brutalist aesthetic and module development integrates the set of buildings that make up the Federação-Ondina Campus at UFBA. In 1999 the building went on to house the FACOM and despite the external aspect have remained reasonably the same, its interior was significantly reworked in this intervention of the years 2000. The last intervention plunged the building in a paradox: at the same time in that amended the asymmetric solution that characterized the building built, gave the building the symmetry of the original project. Damages or gain?*

**Keywords:** *intervention; reuse; University architecture; modern architecture in Bahia.*

## INTRODUÇÃO

Esse artigo se propõe a refletir a partir do caso do antigo Restaurante Universitário (RU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sobre o patrimônio moderno e suas novas intervenções, especialmente aquelas guiadas pela finalização anos depois de obras cujos projetos foram construídos parcialmente. Como na construção do Teatro do Complexo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de Affonso Eduardo Reidy ou da Igreja do Complexo de Saint-Pierre em Firminy de Le Corbusier, e guardadas as devidas diferenças, esse é o caso da última intervenção no antigo RU, atual Faculdade de Comunicação (FACOM). O estudo dos diferentes usos, intervenções e características desse edifício tem como base a pesquisa “Constituição dos Campi e suas arquiteturas: o território da UFBA”, iniciada em 2014 em busca de mapear e registrar os campi e os edifícios da Universidade, conhecer suas histórias, características, contextos e usos e consequentemente oferecer bases mais consistentes para a preservação e necessárias intervenções nesse patrimônio.



Figura 1 – Vista R.U., anos 80.  
Fonte: Acervo SUMAI.



Figura 2 – Vista FACOM, junho de 2016.  
Foto: Susanna Carrozzo Moreira, 2016.

O projeto para o antigo Restaurante Universitário da UFBA foi realizado em 1977 inserido no Plano de Ocupação Física da Universidade de 1976, elaborado pelo Escritório Técnico-Administrativo (ETA). Anteriormente a esse plano, a UFBA já havia passado por dois momentos de constituição e expansão de seu território: o “Primeiro Tempo”, durante o reitorado de Edgard Santos (1946-1951), no qual algumas das unidades acadêmicas dispersas na cidade foram reunidas no bairro da Federação; no “Segundo Tempo” houve um projeto para esse campus e o campus do Canela financiados pelo Programa MEC-

BID I, do Governo Federal (1967-1974), com projetos realizados pelos profissionais da Equipe do Serviço de Engenharias do Campus Universitário da UFBA. Houve também um “Terceiro Tempo”, no qual está inserido o projeto do RU, intervenções financiadas pelo Programa MEC-BID II (1974-1981), consolidando o Campus Federação-Ondina (BIERRENBACH e NERY, 2013).

Por determinação do Programa MEC-BID II / PREMESU foi criado um escritório técnico em 1976 e realizado um novo Plano de Ocupação Física, em concordância com as orientações do Ministério pautadas na Reforma Universitária. Vale pontuar que o processo de planejamento já vinha sendo realizado pela equipe da Prefeitura do Campus Universitário desde 1973 (FONTES, 2010, p. 115).

Para atender a um vasto programa de planejamento com elaboração de projetos e execução de obras, foi montado o Escritório Técnico Administrativo – ETA, que permaneceu com suas atividades até 1984, fazendo parte da equipe de planejamento os arquitetos Antônio Nelson Dantas Fontes [...], Dilson Souza dos Santos, Fernando José Fahel, Guilherme dos Santos Ramos, Lícia Maria dos Santos, Lídia Luz Conceição de Cerqueira, Maria Cristina Guedes Machado Mello, sendo coordenador do ETA, o arquiteto Luiz Carlos Botas Dourado. (FONTES, 2010 p.116).

Assim os edifícios foram projetos por diferentes combinações dos componentes do ETA e a proposta específica do antigo RU ficou a cargo dos arquitetos Luiz Carlos Botas Dourado (coordenador), Antônio Nelson Dantas Fontes e Guilherme dos Santos Ramos. A obra começou em 1979 e foi concluída em 1980, permanecendo como RU até os anos 90 e em 1999 o prédio passou a abrigar a FACOM. Apesar de o aspecto externo ter permanecido razoavelmente o mesmo, seu interior foi significativamente reformulado nessa primeira intervenção dos anos 2000. A última intervenção, projeto de 2008, iniciada em 2011 e prevista para ser inaugurada em agosto desse ano, mergulhou o edifício num paradoxo: ao mesmo tempo em que alterou por completo a solução assimétrica que caracterizava o edifício construído, deu à edificação a simetria volumétrica do projeto original. Esse artigo busca investigar as intervenções nesse edifício de expressão brutalista baiana e quais os impactos e significados dessas alterações entre projeto original e obra construída: perdas, danos ou ganho?

## **VARIAÇÕES NA GÊNESE: O PROJETO ORIGINAL E A OBRA CONSTRUÍDA**

O Restaurante Universitário da UFBA foi implantado no Campus Federação-Ondina próximo à Biblioteca Universitária e aos edifícios correspondentes a: Serviços Gerais, Institutos de Letras, Filosofia e Ciências Humanas (projeto não realizado) e Instituto de Biologia. Foram encontrados três estudos preliminares do projeto do antigo RU na mapoteca número 20, no mesma sala onde estão armazenadas as plantas baixas originais dos edifícios da UFBA. Nesses estudos preliminares, já existem desenhos técnicos próximos de serem projetos executivos, nos quais o edifício possui uma estrutura muito maior e mais complexa. Pelo que se pode ver nessas plantas baixas, o Restaurante Universitário era dividido em blocos e, além de sua locação definitiva, foi estudado outro sítio para a sua implantação, pois existe um estacionamento e é cercado por vias de veículos, o que seria impossível na encosta onde de fato foi implantado.

Já na imagem do plano de ocupação do campus (Figura 3) pode-se perceber a localização definitiva da obra com a parte construída em vermelho e a ala não construída do edifício que estava prevista no projeto original em amarelo.

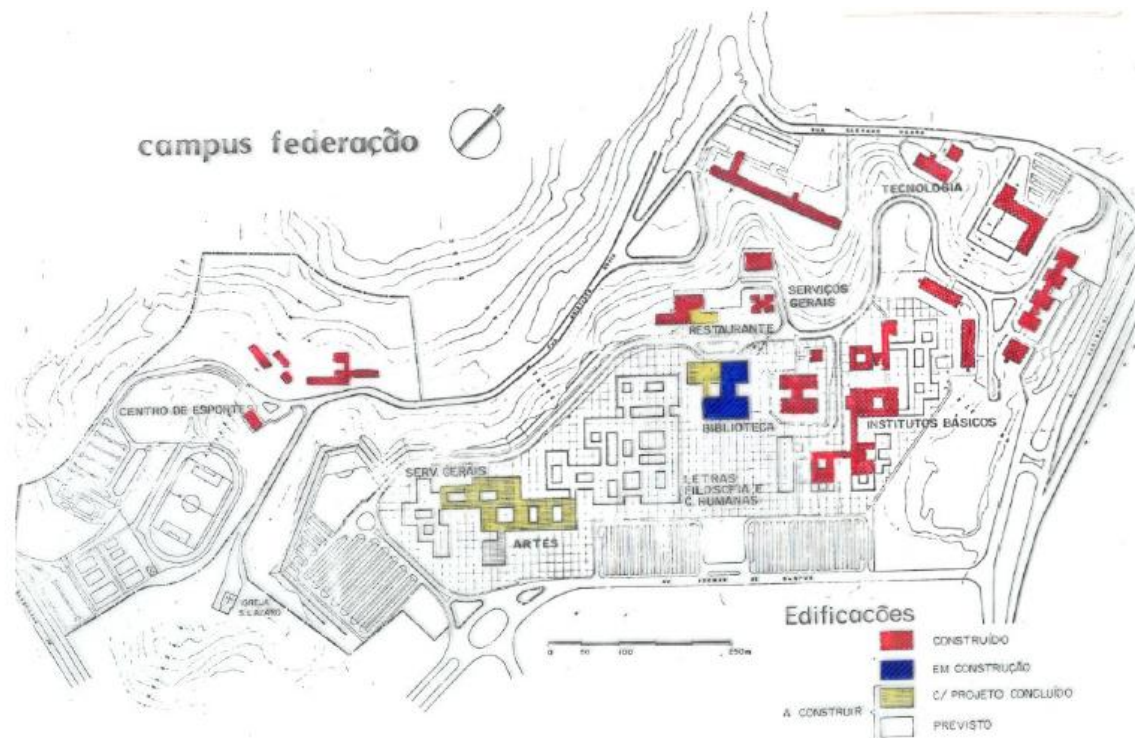


Figura 3 – Planta de Ocupação Física do Campus Federação-Ondina, década de 80. Fonte: PAC/UFBA.

O projeto realizado foi implantado no centro geográfico do Campus Federação-Ondina, precisamente a meia encosta. A escolha deste local, juntamente com o da Biblioteca Central, locada nesse mesmo centro, na parte plana do vale, teve como premissa tornar este local ponto de concentração de atividades acadêmicas, caracterizado pelo fluxo de convergência e dispersão simultânea da população universitária (FONTES, 2016).

Os autores do projeto do antigo RU buscaram estudar as edificações pré-existentis no campus Federação-Ondina para elaborar uma obra que dialogasse com o entorno. Segundo Antônio Fontes (2016), um de seus autores: *“sua composição arquitetônica foi inspirada na leveza da plasticidade e do enquadramento da Faculdade de Arquitetura no meio natural do campus – construção representativa da arquitetura moderna (1967)”*.

A Faculdade de Arquitetura, assim como o antigo RU, está implantada em um terreno de desníveis e toma partido disso para decisões de projeto: na primeira existe um aproveitamento das diferentes cotas de nível para diferentes acessos ao edifício e na segunda o prédio se instala precisamente a meia encosta, acomodando o nível de acesso na parte mais baixa (nível do passeio com a cota de 14,15m) e o primeiro pavimento na parte média da encosta. Aproveitando-se desse desnível, criam-se diferentes níveis, dentre os quais o que interrompe a escada de acesso principal ao edifício (a 1,70m do passeio) e que compreende uma área de convívio no vão sob a escada, com a presença de bancos.

Outro aspecto que influenciou no partido do RU foi a questão dos fluxos, tanto de alimentos como de pessoas. Dessa forma, na cozinha o espaço foi pensado para que não houvesse o cruzamento entre o limpo e o sujo - distribuição dos alimentos, devolução de bandejas, área de cocção, área para lavar os pratos e espaço para carga e descarga de materiais. A lógica de não cruzamento também acontece entre serviços e pessoas: a circulação da cozinha não interferia nos espaços de convívio do restaurante.

Segundo Dourado (apud BIERRENBACH e NERY, 2013), o restaurante foi projetado para ter excelência de funcionamento, tinha como princípio básico das formas arquitetônicas as soluções necessárias e adequadas à sua função, teve como consultora para esse projeto a nutricionista Olga Laskani e como a obra referencial a FUNDUSP.



Antônio Nelson Fontes em entrevista concedida ao bolsista Leonardo Rocha em 2014, afirmou que o antigo Restaurante Universitário, junto com a Biblioteca Central e a Faculdade de Farmácia, foi considerado na época, em exposições em Brasília, referência de arquitetura de campi universitários na América Latina.

Para atender a todas estas questões [de conforto ambiental] adotou-se um partido em lâmina, o que lembra as formas de Le Corbusier – volumes frontais – já adotados nos planos de 1967, financiado pelo Programa MEC-BID I, coordenado pelo professor Américo Simas Filho e de 1973, MEC-BID II, coordenado pelo professor Diógenes Rebouças, porém utilizando-se de uma linha de plasticidade desse movimento e autenticidade ao partido arquitetônico proposto para a época (1980). (FONTES, 2016)

No primeiro projeto executivo, de 1977, a planta baixa do edifício era constituída por dois “braços” ou “asas” simétricos em volumetria e um terceiro bloco ao fundo com um pequeno deslocamento a partir de um eixo central marcado pelas escadas que “avançam” do edifício em um volume próprio e bem característico do projeto. No pavimento térreo, o acesso ocorre pelo lado esquerdo do edifício – o acesso permaneceu o mesmo ao longo dos anos nas intervenções realizadas –, enquanto no lado direito existe um acesso ao lado, de fora do prédio na parte posterior, que dá para um jardim. Esse pavimento predominantemente é destinado a espaços de convívio para os alunos e demais funcionários da Universidade; nele também existe uma área para um café e na parte central posterior, logo atrás do café, uma área para serviços, na qual está inclusa a circulação vertical. Nas pontas desses dois “braços” estão localizados os sanitários, que no caso desse pavimento possui uma distribuição espacial assimétrica.

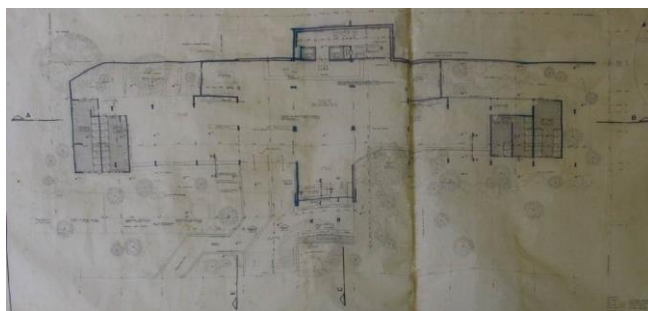


Figura 4 – Planta Pav. Térreo RU, 1977. Fonte: Acervo SUMAI.

Já o primeiro pavimento possui uma lógica mais simétrica, com dois espaços para refeitório: um em cada “braço”. Essa lógica se aplica até a parte do edifício delimitada pelas duas caixas de escada entre os espaços servidos e espaços serventes – bem delimitados em função do programa do edifício. Nesse nível, a cozinha, localizada na parte posterior do RU, avança sobre a encosta (porém com um espaço entre a parede posterior e o muro de contenção, onde fica armazenado o lixo), de forma a aproveitar a implantação do edifício, com um ganho de área significativo para esse piso.

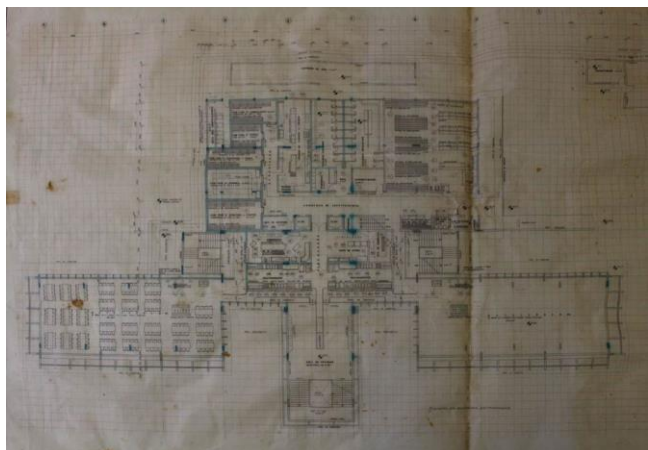


Figura 5 – Planta Primeiro Pavimento RU, 1977. Fonte: Acervo SUMAI.

O programa da zona de serviços desse pavimento conta com câmaras de armazenamento de alimentos, depósitos, despensa geral, administração, vestiário e sanitários para funcionários. Além disso, foi pensada uma área de carga e descarga com acesso à cozinha, e, como já foi dito, o fluxo funciona de forma que não existe cruzamento entre o limpo e sujo.

O segundo pavimento segue a mesma lógica do primeiro em relação à distribuição de zonas e sem mudanças na organização dos espaços servidos, já nos serventes existe um novo programa: despensa, lavagem e preparo de outros alimentos, área de cocção, lavagem de pratos, mais uma administração e sala de nutricionista, além de sanitários para funcionários. Esse piso possui um recuo maior em relação à encosta quando comparado ao imediatamente inferior, existindo assim uma cobertura de laje plana em parte da área de cozinha do primeiro pavimento. Por fim, acima desse pavimento, estão localizados: a casa de máquinas, equipamento de exaustão e caixa d' água.

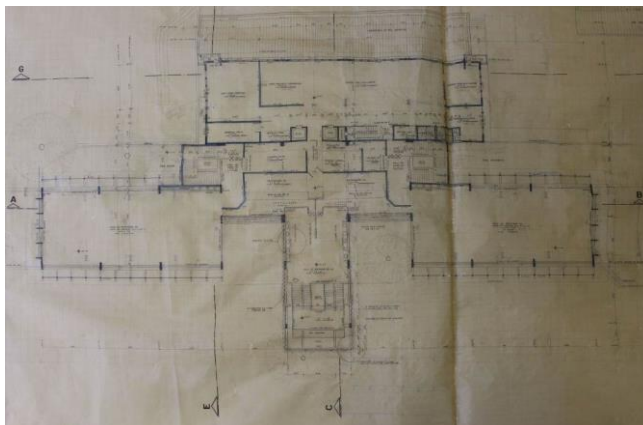


Figura 6 – Planta Segundo Pavimento RU, 1977. Fonte: Acervo SUMAI.

A volumetria então seria composta por uma barra interceptada por um volume ao fundo não perceptível da entrada principal e outro imponente à frente, gerando a leitura dos braços simétricos e do destacado volume da escada principal. Vale observar a importância que o volume das escadas tem nesse edifício ao conferir identidade ao projeto por possuir um impacto estético. O volume, estruturado por concreto armado, é revestido com telhas de fibrocimento, atualmente pintadas em amarelo, assentadas verticalmente, que barram parcialmente a entrada de sol na edificação. Além de impacto estético, também tem impacto social, pois a escada proporciona um espaço abaixo dela com bancos nos quais os estudantes convivem diariamente até hoje, e isso já tinha sido pensado no projeto original de 1977.

Vale ressaltar sua estrutura em concreto aparente e a plasticidade dos componentes construtivos: A escada monumental revestida com telha de fibrocimento, assentadas verticalmente e com espaçamentos para ventilação, traduzindo a proposta de plasticidade da obra; o painel de vidro solto dos paramentos da edificação e inspirado nas esquadrias da Faculdade de Arquitetura, o que proporcionou aos refeitórios, nos andares superiores, uma expressiva abertura contemplativa, tanto para o vale, como para a encosta, além da permeabilidade da iluminação e ventilação natural; finalmente, o recuo do paramento central da edificação, assegurou a soltura dos blocos de refeitórios e para a área de sociabilidade – térreo – uma visão panorâmica com vistas para o vale. (FONTES, 2016)

O edifício executado foi adaptado e simplificado a partir do projeto executivo original, havendo assim a elaboração de outro projeto no ano seguinte ao primeiro, 1978, pela mesma equipe. Além da perda do “braço” direito, o programa foi simplificado, para atender uma demanda menor: no pavimento térreo o espaço destinado ao café virou recepção; já no primeiro pavimento apesar da perda de espaço de refeitório, os espaços serventes continuaram com a mesma dimensão e complexidade. Por fim, no segundo pavimento houve uma leve redução no programa, mas sem alterações na lógica dos fluxos.

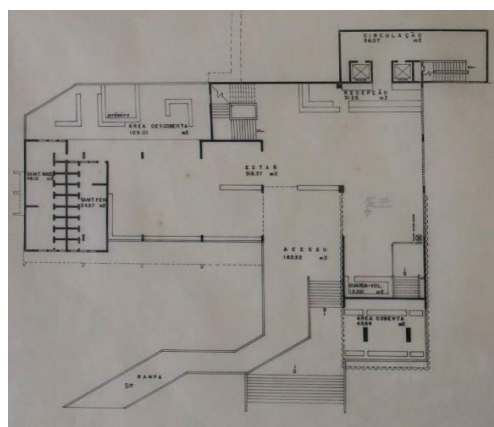
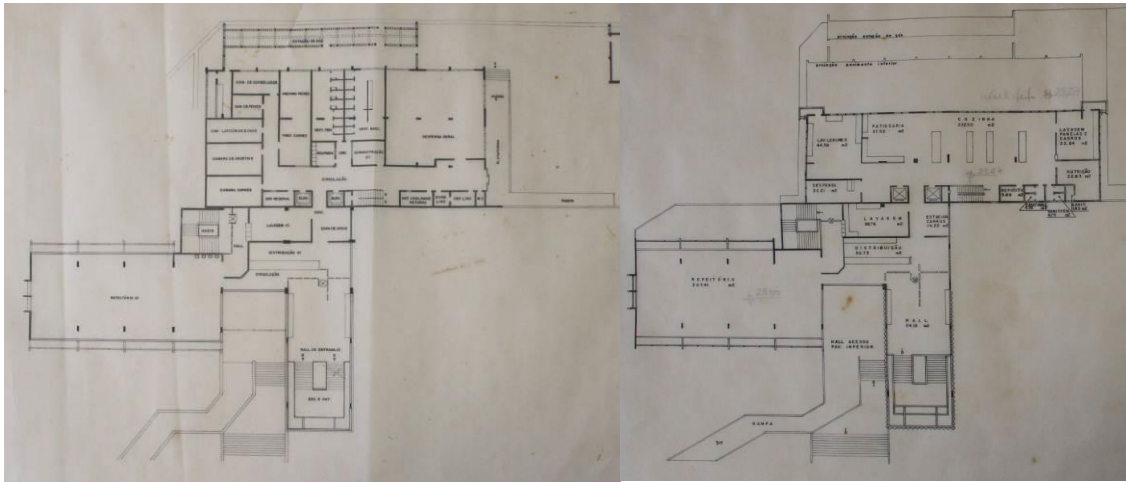


Figura 7 – Planta Pav. Térreo RU (projeto construído), 1978. Fonte: Acervo SUMAI



Figuras 8 e 9 – Plantas do primeiro e segundo pavimentos. RU (projeto construído), 1978. Fonte: Acervo SUMAI



Figura 10 – Vista externa RU, década de 80. Fotografia de Mário Mendonça. Fonte: Acervo SUMAI.

## **MUTAÇÕES PARA REUSO: DE RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

O curso de Jornalismo e Comunicações foi regulamentado em 1943 começando a ser lecionado na universidade em 1950, integrando os cursos destinados à Filosofia e Ciências Humanas, instalando-se no campus desse grupo de cursos em São Lázaro, no Campus Federação. Funcionou por 19 anos até a reforma universitária que também reestruturou fisicamente a universidade. Em 1969, passou a ocupar parte do edifício de biblioteconomia, tendo seu departamento unido ao deste curso. Essa fusão funcionou em conflitos até 1987. Por causa das divergências entre os departamentos e dos protestos dos alunos se tornou um curso independente e invadiu um prédio em precárias condições de uso no Campus do Canela. O prédio foi reformado para viabilizar seu uso, mas mesmo assim não comportava a demanda de estudantes. Nesse período dois cursos faziam parte do departamento, o curso de comunicação e a habilitação em produção cultural criada em 1996, além da pós-graduação. Em virtude da crescente demanda de alunos o departamento reivindicou em 1999 o edifício do Restaurante Universitário que se encontrava temporariamente desativado e apesar dos vários protestos do DCE (Diretório Central Estudantil) por causa da iminente perda do único espaço para esse fim à época na UFBA, conseguiu a realocação do curso que passou a funcionar em 2000, mesmo sem a reforma completa para as demandas da intervenção de reuso.

Para a instalação da Faculdade de Comunicação (FACOM) no prédio do antigo RU, várias adaptações foram realizadas todas de autoria da equipe de arquitetos e engenheiros da Prefeitura do Campus, os arquitetos responsáveis diretos pelo projeto foram Nelson de Almeida Damasceno e Márcia Elizabeth Pinheiro dos Santos.

A obra de reforma do antigo Restaurante Universitário de que trata este documento conclui um processo iniciado em 2000, quando se instalou as salas de aula e administração da Faculdade de Comunicação, áreas estas que não estão contempladas neste projeto. As áreas a serem reformadas nesta etapa são: no Pavimento Térreo área de acesso aos Sanitários e Pátio descoberto próximo ao Auditório para instalação da casa de máquinas do ar condicionado, a área da Despensa e Câmaras frigoríficas no Primeiro Pavimento onde serão instalados os Gabinetes de Professores e Laboratórios de Rádio e de Fotografia e a área da Cozinha no Segundo Pavimento onde serão instalados os Laboratórios de TV/SOM. (Memorial descritivo do projeto, 2000, p.4)

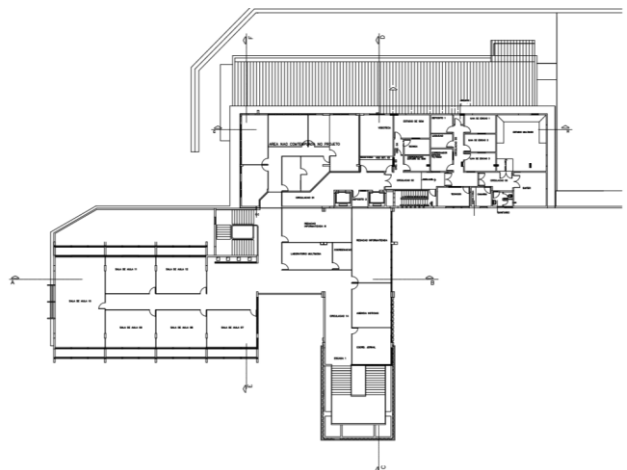
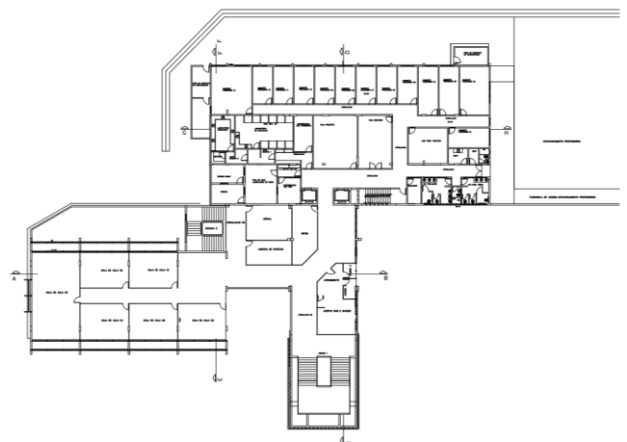
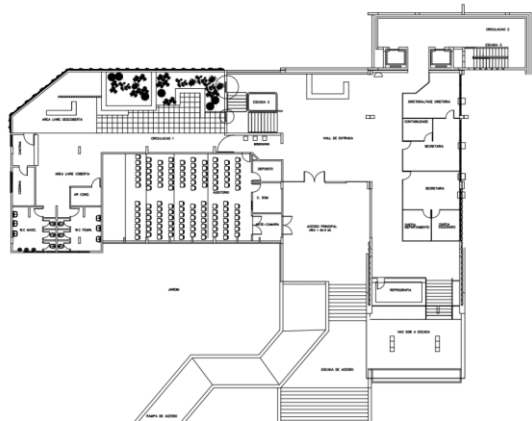
Com a adaptação não se buscou uma reforma completa, mas uma reutilização do espaço proporcionando economia e racionalidade, uma vez que uma reforma e reorganização total seriam onerosas à Universidade, tendo em vista também a lentidão desses processos nas universidades federais, além da urgente necessidade de realocação do curso. A estrutura em concreto foi mantida e foram tomados todos os cuidados necessários para que as demolições não a afetassem, foram demolidas as paredes das áreas da despensa e das câmaras frigoríficas para a readequação do espaço possibilitando o funcionamento dos gabinetes dos professores e dos laboratórios de rádio e fotografia e de TV/SOM no primeiro pavimento e no segundo pavimento respectivamente. No espaço interno houve uma transformação significativa para o edifício, apesar da intenção dos autores de propor uma reorganização interna respeitando os elementos importantes para a identidade do prédio, já que foram subdividiram as áreas abertas e reconfigurados os espaços de serviços.



O programa de necessidades utilizado para o projeto contempla, no pavimento térreo, o auditório, este com acesso separado do edifício principal, munido de antecâmara, depósito de equipamentos, casa de som, casa de ar-condicionado e a área de apresentações com capacidade para 100 pessoas. Adentrando o edifício há os halls de acesso, imediato a eles as salas administrativas de direção, vice-direção, secretariado e departamento, em meio a estes espaços a sala de impressão. Há três possibilidades de circulação: a interna principal próxima às salas administrativas, e as circulações secundárias próximas às áreas externas, em uma parte destinada a cozinha, cantina, praça de alimentação e sanitários e em outra parte destinada ao estacionamento dos professores, onde foi prevista a instalação dos elevadores. Fruto dessa intervenção, as adaptações de acessibilidade como a construção da rampa no acesso principal e no acesso para professores deram melhores condições de acesso ao edifício antes inacessível para cadeirantes. O projeto contava com a instalação de dois elevadores que não foram colocados.

O primeiro pavimento conta com a região destinada ao ensino que possui seis salas de aula na ala esquerda, o hall principal que contava com um conjunto de salas para atividades estudantis como o jornal, a agência de notícias e a sala de computação. Imediato à circulação principal se localiza o espaço de acervo de áudio e vídeo. Seguindo para o interior do edifício temos o laboratório de rádio, as salas de projeto, o laboratório de fotografia, os gabinetes para os professores e os espaços de apoio como a copa e os sanitários. O pavimento possui saída para o estacionamento dos professores.

O segundo pavimento possui também as salas de aula que seguem a mesma organização do pavimento anterior na ala esquerda, porém é mais focado nas atividades estudantis, sobretudo da pós-graduação e mestrado com salas para redação informatizada, laboratórios multimídia, videoteca, estúdio de som independente, ilhas de edição, depósitos, salas técnicas e o estúdio multiuso, todos com as regiões de apoio necessárias, além das salas de coordenação.



Figuras 11, 12 e 13 – Plantas: térreo, primeiro e segundo pavimentos FACOM – intervenção de 2000. Fonte: Acervo SUMAI.

O projeto possui um zoneamento de acordo com os blocos e andares razoavelmente resolvido, com alguns espaços por vezes muito imbricados, dado aos limites do edifício preexistente. O pavimento térreo é mais destinado às relações externas como o auditório e a administração enquanto os outros são destinados às atividades dos estudantes de graduação no primeiro pavimento e de pós-graduação no segundo pavimento. Embora o edifício possua áreas abertas de convívio, é bem restrito se fechando em si mesmo e voltado às suas atividades, diferentemente dos outros edifícios brutalistas da Universidade, em grande parte muito abertos.

Inicialmente a adaptação respeitou o projeto anterior e foi mantida a volumetria do edifício construído no final dos anos 70; no entanto as modificações nos fechamentos das fachadas mais extensas modificaram significativamente a percepção da edificação. Dentre tais modificações as mais significativas foram a colocação dos brises que passaram a cobrir toda a fachada principal, justificados pelas condições ambientais, fazendo desaparecer os generosos panos de vidro originais e o fechamento completo do pavimento inferior dessa mesma fachada, anteriormente em grande parte vazado.

A estrutura do edifício não sofreu grandes transformações, bem como a caixa das escadas revestidas de telhas na entrada do edifício. A base estrutural de vigas transversais da ala esquerda e pilares em concreto aparente foi mantida no projeto de 2000. As vigas transversais da ala esquerda possuem grandes dimensões e uma angulação específica nas extremidades que equaciona as forças axiais e ajuda no contraventamento, ela é apoiada sobre uma malha de pilares retangulares que forma com elas um cruzamento unindo-as às vigas longitudinais de menores dimensões. As vigas longitudinais alcançam todo o volume do edifício.



Figuras 14 e 15 – Detalhes dos elementos estruturais. Autor: Samir Santos, 2015.

As esquadrias do edifício foram completamente alteradas, antes eram em vidro fumê e madeira, atualmente são em vidro transparente e alumínio. Como já citado, visando melhorar o conforto lumínico, foram instalados brises metálicos interferindo drasticamente na fachada do edifício que antes tornava mais evidente os elementos da arquitetura brutalista no franco contraste entre os panos de vidro e as vigas aparentes. A composição arquitetônica - que buscou nos rasgos envidraçados uma ampla vista do campus -, foi perdida na instalação desses brises, conferindo ao edifício um aspecto estético completamente diferente que vez diluir bastante a presença da estrutura nessa fachada.

Ainda que conte com grandes aberturas pontuais o edifício não aproveita bem a iluminação restante, pois apesar de sua grande dimensão proporcionada pelo alto pé-direito a divisão do espaço e o isolado das salas gera uma menor eficiência da iluminação natural, como já mencionado o edifício se fecha em si mesmo e possui uma organização interna bastante retalhada tornando os espaços originais de plena luz em ambientes mais escuros e bem mais fechados para as relações com o exterior.

## **DESAFIOS DE UM NOVO ANEXO: MUTILAÇÃO DA PREEEXISTÊNCIA CONSTRUÍDA OU COMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO ORIGINAL?**

O novo anexo, projetado em 2008 foi solicitado por conta da grande demanda de alunos e fez parte do conjunto de iniciativas do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais do Governo Federal). O projeto foi realizado por uma equipe da atual SUMAI (Superintendência de Meio-Ambiente e Infraestrutura) formada por Thomas Kraack, Nelson Damasceno, Bruno Santana e José Luiz Imbiriba. Como consequência da proposta além da ampliação da área construída da edificação preexistente, ocorreram mudanças na organização espacial dos halls e parte dos escritórios que se localizavam na parte antiga foram remanejados para o novo anexo.

Segundo José Luiz Imbiriba, em depoimento dado a professora Juliana Nery, a determinação de seguir o projeto original foi uma decisão técnica de completar o edifício seguindo o projeto original porque ele se encontrava “mutilado” e em nenhum momento se cogitou outra possibilidade de intervenção. Assim os arquitetos propuseram o anexo seguindo a volumetria e a modulação estrutural do projeto para o RU de 1977 e as soluções da fachada toda recoberta de brises e de um espaço interno segmentado da reformulação de 2000.

No pavimento térreo foram realocadas as salas administrativas, o centro acadêmico e uma sala foi destinada ao programa de educação tutorial. No primeiro pavimento foram colocados o Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania (CDDC) e um laboratório para computadores; no segundo pavimento foram instalados os laboratórios de fotografia, de rádio, o laboratório para o escritório júnior e novos gabinetes para professores.

A estrutura da ala existente foi mantida e seguida no projeto de ampliação do novo anexo. Foram tomados cuidados para que a estrutura não sofresse nenhum dano durante as demolições realizadas no primeiro e no segundo pavimento da ala antiga do edifício.

O projeto, aprovado em 2008 e construído entre 2011 e 2015, foi acompanhado de uma reforma no edifício pré-existente e de adaptações para acessibilidade. Respeitou-se a volumetria, a malha estrutural e os elementos expostos em concreto armado do projeto original, com mudanças na configuração interna – para adequar as novas demandas da FACOM e à compatibilização com a nova ala.



Figura 16 – Planta baixa do pavimento térreo FACOM – intervenção 2008. Acervo da SUMAI.



Figuras 17 e 18 – Plantas do primeiro e segundo pavimento FACOM – intervenção 2008. Acervo da SUMAI.

Essa opção para o novo anexo, entendida como indiscutível complementação de um edifício “mutilado” por seus autores, nos coloca diante de um enorme paradoxo e de uma série de questionamentos. O paradoxo de um antigo edifício que acabada de ser construído. O que parece uma continuidade acaba por mergulhar a edificação em um limbo temporal, no qual o novo anexo não é efetivamente nem o projeto original, nem um uma nova proposta. Quais os sentidos de uma decisão dessa e o que ela produz na relação entre preexistência e arquitetura contemporânea?

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Segundo o arquiteto e crítico italiano Giovanni Carbonara (2013) há uma possibilidade atual de diálogo construtivo entre a arquitetura antiga e a arquitetura contemporânea que permite reinserir a produção da arquitetura de hoje na lógica da tradição estratificada do tempo. Assim é possível propor uma nova arquitetura que dê continuidade a preexistência sem necessariamente falsear ou imitar o passado nem romper radicalmente com ele. É nessa trilha que buscamos compreender outras possibilidades mais interessantes e qualificadoras para as intervenções em edificações já existentes e portadoras de importante expressividade arquitetônica de seu tempo de concepção como é o caso do antigo RU da UFBA.

O projeto de criação do novo anexo desenvolvido em 2008 propôs a ampliação do edifício construindo o seu outro lado e seguindo a mesma volumetria do projeto original, porém com uma organização espacial interna diferente. Por outro lado segue o tratamento de fachada dos anos 2000 com o uso dos brises, entretanto cobre com esses elementos toda a extensão da fachada da ala nova, fazendo “desaparecer” o pavimento térreo como base do edifício existente na ala antiga e fragilizando a simetria almejada. Parece-nos que a nova inserção ao contrário de ser uma complementação indiscutível é uma saída ingênua e pouco consistente para uma intervenção que não responde ao mesmo uso nem ao mesmo momento expressivo do projeto original. Passados mais de trinta anos e consolidada a leitura assimétrica do edifício, a opção por complementar uma certa simetria originária jamais existente para abrigar um programa completamente diverso da proposta de 1977 é pouco justificável e parece revelar um empobrecimento da própria ação contemporânea da arquitetura, como também uma incapacidade de compreensão e preservação do edifício antigo.

A prática de “complementar” obras “inacabadas” a partir de projetos originais transcorrido um significativo tempo da construção não é uma novidade e é defendido por alguns autores, a exemplo de Ana Carolina Santos Pellegrini (2011). Essa autora defende que no caso da arquitetura moderna o projeto pode dividir ou até mesmo se sobrepor à obra construída como patrimônio a ser preservado, o que justificaria a construção ou



finalização de obras a partir dos projetos originais, mesmo após a morte de seus autores como no famoso caso da Igreja de Firminy ou no caso brasileiro do Teatro do MAM-RJ.

No entanto é preciso se perguntar: se o patrimônio é o projeto, ele não deve ser preservado enquanto projeto, enquanto ideia propositiva de um devir? E quanto ao transcurso do tempo: será que ele não interfere nas decisões projetuais de um arquiteto? Talvez o caso do Mercado do Peixe de Diógenes Rebouças no Porto da Barra em Salvador seja exemplar para nos mostrar como a passagem do tempo impacta nas soluções arquitetônicas dadas por um mesmo arquiteto moderno, para o mesmo lugar, atendendo ao mesmo programa. As soluções tão diversas entre a primeira versão do projeto construída entre 1949 e 1950 e a proposta de 1986 não deixam muita margem de dúvida sobre como as respostas propositivas não se mantêm as mesmas, como se pode observar nas figuras 19 e 20. Vale ressaltar que o tempo transcorrido no exemplo das propostas de Diógenes Rebouças é similar aquele decorrido entre o projeto de 1977 para o antigo RU e a construção da nova ala para a atual FACOM, como o agravante da alteração de uso do edifício.



Figura 19 – Vista Mercado do Peixe 1949/50.  
Fonte: ANDRADE JUNIOR, 2013.

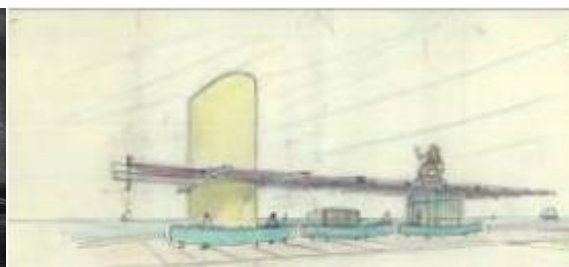


Figura 20 – Perspectiva Mercado do Peixe 1986.  
Fonte: ANDRADE JUNIOR, 2007.

Ao decidir construir aquilo que não foi executado do antigo projeto para o novo anexo, os arquitetos buscaram respeitar o projeto original com o objetivo de dar unidade e simetria a um edifício que, segundo eles, estaria “mutilado”. Contudo, ao executar tal anexo, a preexistência do edifício construído acabou sendo drasticamente impactada, no momento em que a solução assimétrica que o caracterizava é completamente modificada, assim como a volumetria e a paisagem urbana circundante também são alteradas. Para além dessa descaracterização da obra construída e consolidada no tempo, a nova ala não correspondeu (nem poderia, dada a diferença funcional demandada) exatamente ao projeto original, visto que nem a fachada, nem a divisão espacial interna foram mantidas. Portanto nos cabe refletir: por que manter as referências originais, adotando a mesma composição formal e outras soluções arquitetônicas de um projeto dos anos 70 com necessidade de adaptações significativas para atender ao novo programa? Por que não formular um projeto completamente novo, com uma arquitetura de base contemporânea capaz de um diálogo franco e qualificador com a preexistência? Será que bem distante da finalização de um projeto inacabado não se criou um híbrido de descaracterização de uma bela preexistência moderna com a nostalgia de um projeto que já não responde a expressão do tempo nem a funcionalidade da nova intervenção? Será essa ação uma questão de preservação, de falseamento, de descaracterização ou de empobrecimento de nossa arquitetura contemporânea? Será mesmo tão pertinente usar um projeto de uma vertente da arquitetura moderna cuja premissa básica era a forma ser determinada pela função para um edifício que teve seu uso completamente alterado, com necessidades programáticas tão diversas do projeto original? Passados mais de trinta anos será que a arquitetura atual não teria outras respostas, mesmo que o uso do edifício tivesse permanecido? O que nos parece claro é que não podemos nem parar nem voltar o tempo, muito menos falseá-lo. Mas podemos aprender com ele e refletir mais e melhor sobre as possibilidades de seu transcurso sobre os exemplares e documentos herdados da arquitetura moderna.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Diógenes rebouças e o EPUCS: planejamento urbano e arquitetura na Bahia, 1947-1950**. URBANA, V.5, nº6, mar. 2013 - Dossiê: Urbanistas e Urbanismo- CIEC/UNICAMP. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/8635086/pdf>

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; e LEA, João Legal. **Arquitetura Moderna e Reciclagem do Patrimônio Edificado: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças**. 2007. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/074.pdf>

BIERRENBACH, Ana Carolina; NERY, Juliana Cardoso. *O que é que a Bahia tem?* In: **Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura moderna e internacional: conexões brutalistas 1955-75**. Curitiba: PUCPR, outubro de 2013.

CARBONARA, Giovanni. **Architettura d'oggi e Restauro: un confronto antico-nuovo**. Torino: UTET, 2013.

**FACOM news Edição de 2013.1** páginas 25-27. disponível em: [https://issuu.com/boletimfacomnews/docs/facom\\_news\\_1\\_-\\_2013](https://issuu.com/boletimfacomnews/docs/facom_news_1_-_2013)

FONTES, Antônio Nelson D. **Entrevista concedida pelo autor do projeto de ampliação da FACOM ao bolsista Leonardo Rocha**. 2014.

FONTES, Antônio Nelson D. **Minuta de artigo sobre o Restaurante Universitário da UFBA (1977-1978)**. 2016

FONTES, Antônio. **Breve histórico dos campi da UFBA**. Salvador: Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAU/UFBA, 2010.

FRACALOSSO, Igor. **O resgate da unidade perdida: o Teatro do Museu de Arte Moderna de Affonso Eduardo Reidy / Roberto Segre**. Archdaily Brasil, 2013. Disponível na internet por http em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-102349/o-resgate-da-unidade-perdida-o-teatro-do-museu-de-arte-moderna-de-affonso-eduardo-reidy-roberto-segre>>. Acesso em 30 jun. 2016

IMBIRIBA, José Luiz. **Depoimento concedido por um dos autores da ampliação da FACOM a professora Juliana Nery**. 2016.

KRAACK, Thomas. **Entrevista concedida por um dos autores do projeto de ampliação da FACOM a bolsista Susanna Moreira**. 2016.

MENDES, Paulo; CUNHA, Jorge, ISMAEL, Jurandir. **Dossiê FACOM, a história da faculdade de comunicação**. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/com112/dossie\\_facom/index.htm](http://www.facom.ufba.br/com112/dossie_facom/index.htm)

PELLEGRINI, Ana Carolina Santos. **Quando o projeto é patrimônio: a modernidade póstuma em questão**. Porto Alegre: Tese de doutorado do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAR – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SUMAI. **Memoriais Descritivos, imagens e desenhos técnicos do projeto de 2000 e de 2008** cedidos pela SUMAI (Superintendência do meio ambiente e infraestrutura).